

# Requiem (com olhos secos)

— impressões poéticas de Juvenal Bucuane sobre a tragédia de Mbuzini

«A Escolha da Semana» reserva-nos hoje um assunto cuja a importância não é talvez as palavras do jovem poeta moçambicano, Juvenal Bucuane, por ocasião do lançamento do seu livro de poesia dedicado ao primeiro aniversário da tragédia de Mbuzini. A importância do assunto está, pois, precisamente nessa tragédia, sobre a qual se erguem, imortais, os ideais do Presidente Samora Machel, «homem de cultura incomensurável», citando o discurso — que transcrevemos a seguir na íntegra — do autor de «Requiem».

REQUIEM — (com os olhos secos)

Caríssimos convidados, Estimados amigos, Estou muito reconhecido pelo sacrifício a que sujeitaram o vosso precioso tempo para virem assistir a este pagamento.

A minha intervenção, neste momento, destina-se a criar entre a obra que aqui proponho e o público leitor, uma ponte facilmente transitável, que faça chegar, claramente, ao entendimento, o fluxo de ideias que o meu estro busca no mais escondido das coisas, na sua alma, no seu significado.

Poderei não ter atingido o meu propósito, na elaboração desta pequena obra, mas a minha irreverência levou-me a concluir que nunca é demais adiantar uma proposta, no meio de tantas que se fazem. Reza o ditado que: «cada um, por muito pouco que faça, contribui com o seu grãozinho de areia!».

Não chega, isto, a ser uma inovação no campo literário, não há experiências novas na vida. Podem acontecer-nos coisas que julgamos serem «perfeitamente inéditas, mas talvez enganados».

Seria ridículo pretender-me pioneiro de fosse o que fosse nas lides literárias, pois sou um simples aprendiz que tenta dar sentido às palavras para que, quando já moldadas em poema, digam a verdade das coisas, signifiquem a essência da nossa vida.

Hoje proponho-me apresentar ao meu País, aqui por vós dignamente representado, um canto às vítimas de Mbuzini. O fulcro do tema tratado, é a figura do malogrado Presidente Samora Machel, grande estadista e homem de cultura incomensurável.

Porquê um ano depois? Perguntem, certamente e com toda a razão.

A resposta é: incapacidade de reagir logo às estranhas forças que me entumesceram o nervo poético, na altura em que tomei conhecimento da tragédia.

Nos, os escritores, nesta nossa maneira de encarar a vida, escrevendo as nossas impressões sobre ela, ficamos, às vezes enganados e a inspiração emperra. Por

mais que a vontade, o querer, nos empurrem à banca laboral, a fonte nega-se a brotar o seu encanto.

An longo do meu exercício literário, tal tem sido o meu afincio que vezes há que me assusto com o fluxo de inspiração e de ardência com que me esmero, mau gra esse frenesim nem sempre encontro, correspondência que ajude a que a criação advinda desse afã, tenha a forma que tanto desejo, para compartilhar com o leitor, os momentos maravilhosos que vivo, retirado no meu casulo, mas que são quotidianos e comuns a todos.

De repente o meu estro foi afectado; de repente o rio deixou de ser rio; de repente o meu cérebro deixou de segregar o suco poético.

Era Mbuzini, entrando em

e profundas cogitações.

Foi uma gestação longa, da idade do tempo que medeia a tragédia a esta parte, e, só agora, maduro o propósito, resolvi pô-lo ao juízo do público leitor.

Ao longo desta gestação, fui dando sinais do meu labor, lento, no segredo do meu retiro, através de páginas de jornais e revistas, com a ideia, mais ou menos, concebida de oferecer em última instância, uma pequena obra poética que fosse um REQUIEM para os nossos irmãos sucumbidos em Mbuzini na noite de 19 de Outubro de 1986.

Esta pequena obra poética é um ponto de vista de um simples cidadão que interiorizou a dor sentida por milhões e deu-lhe a dimensão



mim adentro, afectando-me os órgãos sensitivos, exigindo-me uma visão de aturada análise das circunstâncias.

Apenas fui retendo tudo o que se tinha passado e passava, em pequenos apontamentos e até de memória, à volta daquela tragédia que enlutou, não só o Povo moçambicano, mas também, todos os povos amantes da paz e da justiça, resultando que este trabalho não fosse apenas, instintivo, mas de largas

que a sua condição permite.

Quantas vezes não me furtei aos habituais encontros, onde de tudo se fala, com os meus colegas da AEMO? Quantas vezes não inventei putros motivos que me ocupassem o tempo de estar com eles, nos quentes e construtivos debates sobre os diversos aspectos que enredam a vida e a literatura? Valeu a pena? Tudo vale a pena quando a alma não é pequena!

Não pretendo, contudo, mo

nonopolizar, o juízo sobre o meu esforço oficial, aceito, abertamente, aos que me vão ler, neste trabalho, a livre facilidade de ajuizarem se vale a pena ou não, o meu cláustro, o meu empenho e a minha decisão de expor ao público as minhas impressões poéticas sobre a tragédia de Mbuzini.

Se são bons ou maus os poemas que aqui apresento, não sei, sei, sim que gosto deles. É-me difícil dizer a razão, mas é verdade que gosto deles.

Não me importam os rótulos de que este trabalho possa ser conotado, pois, esse e o banco onde todo o escritor ou poeta tem de depôr em julgamento as suas veleidades, não se evita, desde que se dê o acto de parição literária. Contudo, eu, seu autor, numa atitude audaz, atrevo-me a classificá-lo de: poesia de luto, luta, amor, esperança, certeza, com os olhos secos, sobre a tristeza e a dor que em todo o Povo moçambicano sulcou a tragédia de Mbuzini.

Estou ciente de que esta atravessada e múltipla classificação, é uma invenção minha, foge muito dos rígidos parâmetros académicos.

Peço, pois, que me perdoem, os cultores da inflexibilidade literária e que encarem este meu contorcionismo, esta minha elasticidade, este meu malabarismo, como uma forma de possibilitar até aos que desconhecem tais critérios, uma transparência eficaz que permita ver nitidamente e sentir, com profundidade, através da poesia, o que do meu posto de observação consegui ver e sentir sobre uma tragédia que nos foi comum.

É possível que os leitores não sintam o mesmo que eu, é o conceito de cada cabeça a sua sentença, pois, uma obra literária é um edifício com uma infinidade de portas por que se lhe pode penetrar.

Ninguém me pediu para escrever esta pequena obra. Eu mesmo, senti a necessidade de extravazar na poesia o meu estado de espírito.

Quantos não sentiram idêntica emoção e idêntica dor ao saberem sucumbida, para sempre, a voz propulsora de Samora?

Não me proponho, neste momento cíclico, falar exaustivamente de Samora Machel, não que não mereça a pena, ou que o apouque diante do povo que o ama e que ele tanto amou, mas, antes pelo contrário, porque a emoção, com a sua sagacidade, roba-me palavras que se ajustem a sua estatura imensa de obreiro da Nação moçambicana e de destacado e honrado lutador pela paz na nossa zona e no mundo. Direi, simplesmente, uma das suas imensas virtudes, no que toca os trabalhadores da palavra, para os que ainda não o saibam: tecto sob o qual nos encontramos, neste mo-

mento, este edifício majestoso, foi cedido pelo malogra do presidente, aos escritores moçambicanos, num gesto de grande alcance e invulgar sabedoria, a um tempo comprovante da sua vida e contagiante intelectualidade. Ele sabia que a literatura, ao lado de outras manifestações artísticas, sendo um alimento espiritual dos povos ou testemunho e consolação da condição humana, é parte integrante da cultura. Ele sabia que um povo sem cultura é como uma árvore sem raízes. Ele acreditava na virilidade literária dos escritores moçambicanos, particularmente da nova vaga de escritores que ora se manifesta de forma crescente e admirável no nosso país.

Em nome dos meus colegas, rendo orgulhosamente uma singela homenagem ao destacado membro de Honra da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Esta homenagem é extensiva ao nosso saudoso colega Gulamo Khan, esse poeta-declamador de incomparável fôlego e voz admiravelmente cantante, que, para mim:

Moçambicanta ainda  
na aura dos dias que vão  
[despontando  
na fúria da saudade que  
[não conseguimos domar,  
na voz das aves conoras  
[desta terra,  
no arco flectido da zagaia  
[guerreira,  
no crepitar do nervo dos  
[poetas,  
no revirar da espátula dos  
[pintores,  
no canto alegre dos  
[musicos...

Não me esqueço do professor Aquino de Bragança, homem intelectual de sólida cultura geral que nutria, pelos escritores, um respeito competente ao lugar que o empenho lhes outorgou na história da luta do Povo moçambicano.

E dois outros que, na especificidade das suas funções, contribuíam para a solidez da nossa Revolução.

Permitam-me anunciar que, por razões óbvias, este lançamento não se efectuou no dia em que realmente teria o peso que lhe pretendi dar, o dia 19 de Outubro, vários programas oficiais sobrepujaram-se a este acto, contudo, regozijo-me por ele se verificar na mesma semana e pelo facto de ser hoje, 23 de Outubro, data particularmente importante para mim, completam-se, precisamente hoje, 36 anos que vim à luz deste mundo.

Quero, para terminar, agradecer o acolhimento que a ideia da compilação, em livro, destes poemas, mereceu por parte de certos organismos, empresas e pessoas singulares.

Um muitíssimo obrigado a todos os presentes nesta sala e um quente abraço aos escritores moçambicanos, particularmente os mais novos.

Maputo, 23 de Outubro de 1987.